

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA

23 de Maio de 2022

A MINHA HISTÓRIA DO TEATRO / 2021

uma série de nove episódios de ARTISTAS UNIDOS, UNIVERSIDADE ABERTA

Episódios: CARLO GOLDONI, HENRIK IBSEN, ANTON TCHÉKHOV, LUIGI PIRANDELLO, BERTOLT BRECHT, HAROLD PINTER, TENNESSEE WILLIAMS, ARTHUR MILLER, O TEATRO DEPOIS DE BECKETT *Ideia, narração (não creditadas):* Jorge Silva Melo *Realização:* Helder Matta e Silva *Imagem:* Paulo Jorge Pereira, Adriano Viçoso *Som:* Luís Récio, Joaquim Firmino, Rodolfo Fernandes *Montagem:* Helder Matta e Silva *Pesquisa:* Nuno Rodrigues, Joana Pajuelo *Fotografias:* Jorge Gonçalves (CARLO GOLDONI) *Interpretação:* Catarina Wallenstein, Elmano Sancho (CARLO GOLDONI), Marco Delgado, Maria João Luís (HENRIK IBSEN), Américo Silva, João Meireles, Rita Cabaço (ANTON TCHÉKHOV), Américo Silva, António Simão, Lia Gama, Nuno Gonçalo Rodrigues (LUIGI PIRANDELLO), Miguel Borges, Jorge Silva Melo (BERTOLT BRECHT), António Simão, Rúben Gomes, Tiago Matias (HAROLD PINTER), Maria João Luís, Rúben Gomes (TENNESSEE WILLIAMS), Américo Silva, Joana Bárcia (ARTHUR MILLER).

Produção: Artistas Unidos, Universidade Aberta (Portugal, 2021) *Direção de produção:* João Meireles *Gestora do projecto:* Maria João Guerreiro *Cópia:* Universidade Aberta, ficheiros digitais, cor, falados em português, 125 minutos (duração total) *Primeira apresentação na Cinemateca.*

SESSÃO APRESENTADA POR ANTÓNIO SIMÃO

Isto não é um filme, é uma preciosa colecção de nove lições de teatro por Jorge Silva Melo. A MINHA HISTÓRIA DO TEATRO é pessoal e transmissível ou, mais pragmaticamente, um projecto no formato curto, imaginado e protagonizado por Jorge Silva Melo que, falando de teatro, se rodeou de textos, fotografias, um grupo de actores da sua família no teatro. Nesta história entram CARLO GOLDONI, HENRIK IBSEN, ANTON TCHÉKHOV, LUIGI PIRANDELLO, BERTOLT BRECHT, HAROLD PINTER, TENNESSEE WILLIAMS, ARTHUR MILLER, O TEATRO DEPOIS DE BECKETT, segmento final em que cabem autores estimados, divulgados, encenados pelos Artistas Unidos dirigidos até muito recentemente por Jorge Silva Melo. É também da história recente da companhia fundada em 1995 que fala esta série em que actores fazem leituras de textos como quem ensaia espectáculos ou lembra espectáculos já levados à cena. A saber, *A Estalajadeira*, *Hedda Gabler*, *Tio Vânia*, *Esta Noite Improvisa-se*, *Na Selva das Cidades*, *Feliz Aniversário*, *Doce Pássaro da Juventude*, *A Morte de Um Caixeiro Viajante*, *O Alto da Ponte*.

“O teatro pode tratar de tudo.” “Tutto è suscettibile di teatro.” A frase de Carlo Goldoni é o lema desta pequena história do teatro de Jorge Silva Melo. Está nove vezes em epígrafe e faz de ligação como, em 1979, a imagem da porta giratória de madeira e vidro do *Diário de Notícias*, à Avenida da Liberdade, em Lisboa, encadeia as aberturas das cinco cenas de Karl Valentin na versão para cinema de *E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?* (com Jorge Silva Melo e Luis Miguel Cintra, realização de Jorge e Solveig Nordlund a partir do espectáculo com o mesmo nome do Teatro da Cornucópia). A nota sobre o *leitmotiv* é uma curiosidade que não aproxima projectos incomparáveis. Há outra: é que se a máxima de Goldoni é já citada no texto da encenação da *Estalajadeira* (por Jorge Silva Melo, 2013), encontramos-la antes ainda,

noutra abertura, a do prefácio à edição da peça *António, Um Rapaz de Lisboa* na Cotovia, em 1996, depois da estreia no teatro em 1995, anterior à versão cinematográfica que ficaria como a sua última ficção de longa-metragem em 2000. Na ronda de Jorge Silva Melo, as recorrências emergem, dando a ver belas obsessões que circulam entre teatro, cinema, a escrita, a literatura, as artes plásticas. Seja como for, diz-nos Jorge Silva Melo no primeiro segmento da MINHA HISTÓRIA DO TEATRO, “Voltar sempre a Goldoni e sorrir”.

A navegação começa pois no século XVIII de Goldoni, meditando sobre o mundo e o teatro, quando a burguesia neles entra; segue para os segredos de Ibsen; e daí para Tchekhov, a literatura e o horizonte de um futuro; depois Pirandello, “que instala para sempre a dúvida no teatro”; Brecht e o trucidado tempo da guerra; Pinter, quando “tudo desliza” numa “volúpia de derrapagem”; Tennessee Williams que Jorge Silva Melo garante ser um cúmulo de balbúrdia, “tudo tremia naquele homem”; Arthur Miller, a cruel análise e os desesperados retratos; a visão negra da Humanidade em Beckett, “o homem que veio escangalhar tudo” pós Hiroshima, esvaziando o teatro. Mas no final do périplo em nove momentos, Jorge Silva Melo garante a vitalidade do teatro, o futuro do teatro que se escreve e se encena para acontecer perante pessoas, convocando autores contemporâneos que a seu ver traduzem isso mesmo. E cita, dos autores encenados ou publicados pelos Artistas Unidos (na coleção Livrinhos de Teatro), Dimítris Dimitriádis, David Harrower, Sarah Kane, Pau Miró, Lluisa Cunillé, Jon Fosse, Heiner Müller, Antonio Tarantino... Enda Walsh (que em 2004 trouxe à Cinemateca no ciclo “Cinema do Camarim” paralelo a um Seminário de encenação e nova dramaturgia dos Artistas Unidos com a companhia britânica Paines Plough).

O *passador* Jorge Silva Melo continuou a *passar* histórias, gostos, pensamentos em 2020, ano do espaço público desertado. Fez-se filmar pela câmara do computador, em casa, e contou histórias, alguns minutos de histórias ilustradas com fotografias de espectáculos dos Artistas Unidos na série UMA PEÇA DE CADA VEZ, alojada no Youtube – “Lembramos espectáculos que fizemos. Sim, o teatro fica na memória e é segredo entre nós. Mas digam aos outros que existimos. Uma peça de cada vez.” A MINHA HISTÓRIA DO TEATRO virá, talvez, dessa altura.

Maria João Madeira